

TAMERLÃO

Edgar Allan Poe

Doce consolação nesta hora extrema!
Tal, Padre, agora não será meu tema...
Não direi loucamente que um poder
terreno me liberte do pecado
sôbre-humano de orgulho, em mim a arder.
O tempo de sonhar é já passado:
Dizes que isso é esperança; e a desvairada
chama é só a agonia de um anseio!
Se creio na Esperança... Ó Deus! Bem creio...
Sua fonte é mais divina, mais sagrada...
Ancião louco eu não quero te chamar,
mas isso é coisa que não podes dar.

Conheces de um espírito o segrêdo,
da soberba atirado em plena lama?
Herdei, ó coração a palpitar,
teu quinhão de desprezo, com a fama,
a glória consumida, a cintilar
de meu trono entre as jóias, qual coroa
infernai. Porque dor alguma o inferno
pode agora trazer, que me dê mêdo.
E anseias pelas flores, coração,
e pelo sol das horas de verão!
Dêsse tempo defunto o canto eterno,
com seu soluço intérmino, reboa,
em teu vazio, nos sons enfeitiçados
de um dobre doloroso de finados.

Do que hoje sou, já fui bem diferente.
Usurpador, obtive, conquistei
o diadema que cinge a fronte ardente.
Roma e César não deu a mesma ousada
herança, que me estava reservada?
A herança de um espírito de rei,
para lutar, espírito altaneiro,
triunfalmente, contra o mundo inteiro.

Em região montanhosa ao mundo vim.
As brumas de Taglay pulverizavam,
à noite, o seu orvalho sôbre mim,
e acredito que as asas, em violentos
tumultos, e as tormentas, e os mil ventos,
em meus próprios cabelos se aninhavam.

Êsse orvalho, depos, do céu tombando
(entre noites de sonhos condenados)
era um toque de inferno sôbre mim,

enquanto rubras luzes, cintilando
em nuvens, que oscilavam quais pendões,
pareciam-me, aos olhos malcerrados,
do poder régio as predestinações,
e dos trovões profundos o clarim
sôbre mim se atirava, proclamando
que, em humanas batalhas, estentórea
- criança louca! - a minha voz bradava
(como minha ala se regozijava
e ante êsse grito o coração saltava!)
o grito de combate da Vitória!

Na frente sem abrigo se esparzia
a chuva rude, e o vento me tornava
desatinado, cego, ensurdecido.
Era apenas um ente que lançava
louros em mim, pensava então, e a fria
fúria do ar fustigante, a meus ouvidos
cantava a evocação de destroçados
impérios, o clamor dos capturados,
o rumor dos cortejos, a canção
com que aos tronos rodeia a adulação.

Minhas paixões, desde êsse infausto dia,
sôbre mim exerceram tirania
tamanha, que, somente com o poder,
se pôde o meu caráter conhecer.
Mas, Padre, então, ali vivia alguém...
então... na juventude... quando a chama
das paixões mais se alteia e mais se inflama
(porque paixões só a juventude tem),
alguém que soube ver, no peito de aço,
de uma fraqueza feminil o traço.

Não tenho têrmos... ai... para dizer
o quanto é doce o verdadeiro amor!
Nem tentarei agora descrever
dessa face lindíssima o primor,
pois seus contornos são, na minha mente,
sombrias que ao vento vão, volúvelmente.
Recordo ter-me outrora debruçado
sôbre folhas de ciência do Passado,
até que cada letra, tão fitada,
e cada têrmo se desvanecesse
e seu próprio sentido se perdesse
em fantasias e, por fim, em nada.

Ah! todo o amor bem elas merecia
e era o meu afeto qual de criança.
Razão tinham os anjos de a invejar.
Seu jovem coração era um altar
em que meus pensamentos e a esperança
eram o incenso, a oferta que subia

com pureza infantil, imaculada,
de seu jovem modelo copiada.
Por que os abandonei, pela paixão
da luz, que inflama e empolga o coração?

Crescemos... e conosco o amor crescia...
vagueando na floresta e nos desertos.
Na tormenta meu peito a protegia
e quando, amiga, a luz do sol sorria.
E se ela contemplava os céus abertos,
sòmente em seu olhar os céus eu via.

A primeira lição do amor nascente
está no coração, pois, sob o ardente
sol, vendo êsses sorrisos sem cuidados,
rindo de seus brinquedos estouvados,
eu me lançava no seu seio arfante
e em lágrimas minha alma se expandia.
Ah! dizer mais eu não precisaria,
nem acalmar temores vãos, perante
quem ficava, sem nada perguntar,
voltando para mim o quieto olhar.

E embora merecesse mais que o amor,
a minha alma impaciente se exaltava
quando, num cume de montanha, a sós,
a ambição lhe falava em nova voz.
Todo o meu ser só nela consistia;
o mundo e tudo quanto êle encerrava,
na terra, no ar, nos mares, a alegria,
os quinhões pequeníssimos de dor,
que eram nôvo prazer, os ideais,
noturnos sonhos de vaidade impura,
e as coisas mais sombrias, porque reais
(as sombras... e uma luz bem mais obscura!)
nas asas do nevoeiro se evolavam
e assim confusamente se tornavam
numa imagem, num nome... um nome... duas
coisas, unificadas, porque tuas.

Eu era ambicioso. Já tiveste
paixões, Padre? Não! Não as conheceste!
Um trono para mim, filho do lôdo,
que o mundo dominasse quase todo,
sonhei, a maldizer a minha sorte.
Mas, como todo sonho, também êste,
sob o vapor do orvalho, voaria,
não viesse da beleza o brilho forte
que o cumulava, ainda que, se tanto,
por um minuto, por uma hora, um dia
pesar-me na alma com dobrado encanto.

E passeávamos juntos, pela crista

de elevada montanha, donde a vista
caía, dos penhascos escarpados
e altivos, das florestas, nos outeiros
esparcos, de bosquetes coroados,
rumorejando com seus mil ribeiros.
Falava de poder e de vaidade,
porém místicamente, que a verdade
a ela eu não queria revelar
no que dizia; e então, em seu olhar,
talvez eu lesse, descuidadamente,
um sentimento, do meu próprio irmão.
O brilho de suas faces parecia,
para mim, transformar-se em refulgente
trono; e eu consentir não poderia
que elas brilhassem só na solidão.

De grandezas então eu me envolvia
tomando uma fantástica coroa;
e não era, contudo, a Fantasia
que seu manto viera em mim lançar.
E se entre a humanidade, a turba alvar,
é o leão da ambição, que se agrilhoa,
entregue à mão de um domador que o mande,
não é assim no deserto; lá, o que é grande
conspira com o terrível e o sem-par
para as almas com o sôpro incendiar.

Contempla Samarkand! Contempla-a agora!
Não é rainha da terra e se alcandora
sôbre as cidades tôdas? Não lhes traz
os destinos na mão? E não desfaz,
solitária e fidalga, tudo quanto
de glória e fama neste mundo medra?
Se cair, sua mais humilde pedra
há de formar de um trono o pedestal.
Quem é seu soberano? Tamerlão.
Êsse que os povos viram, com espanto,
subir, calcando aos pés cada nação,
um bandido com a coroa real!

Ó amor humano! Tu, que dás, no mundo,
o que esperamos vir do céu profundo;
que caís na alma, qual chuva abençoada
sôbre a planície adusta e calcinada;
e, não podendo dar ventura, fazes
do coração deserto sem oásis;
tu, idéia que tôda a vida encerra
em música de sons tão singulares
e belos, que na selva têm seus lares,
adeus! adeus! pois conquistei a Terra!

Quando a Esperança, essa águia da amplidão,
os altos cimos já não mais avista,

suas asas se curvam, de mansinho,
e o olhar se volta, doce, para o ninho.
Era o sol-pôr; e quando o sol declina
um desespêro sobe ao coração
de quem ainda quisera ter à vista
o esplendor estival da luz solar.
A alma aspira a bruma vespertina,
tão cariciosa, atenta a perceber
o som da treva (ouvido sempre pelos
que sabem dar-lhe ouvido) a se arrastar,
como quem quer, em meio a pesadelos,
fugir de algum perigo, sem poder.

Que importa brilhe a lua, a lua fria
com seu fulgor mais lúcido e mais forte?
Seu sorriso e seu brilho são gelados,
naquelas horas de melancolia,
como um retrato feito após a morte
(vendo-o, nem respiramos, assustados).
E a juventude é como um sol de estio,
cujo poente é o mais triste, porque então
já nada mais ignora o coração
e o que guardar quisemos no fugiu.
Pareça a vida, pois, qual flor de um dia,
com a beleza que, esplêndida, irradia.

Voltei para o meu lar, não mais meu lar,
pois tudo o que fazia assim se fora.
Penetrei no musgoso umbral e embora
fôsse meu passo lento e comedido
veio uma voz da pedra do limiar,
a voz de alguém que u conhecera outrora.
Oh! desafio o inferno a que apresente,
nos seus leitos de fogo, mais ferido
coração, ou desgraça mais pungente!

Eu creio, Padre, eu firmemente creio,
e bem sei - pois a morte, que me veio
da longínqua região abençoada
onde não mais existem ilusões,
vai entreabrindo os rígidos portões
e cintilam os raios da verdade,
que não vês, através da Eternidade...
Sim, eu creio que Eblis pôsto havia
sua armadilha, sob a humana estrada.
E se não, por que, quando eu me perdia
no bosque santo dêsse ídolo, o Amor,
de asas de neve sempre perfumadas
com o incenso das ofertas mais sagradas,
no bosque iluminado intensamente
pelos raios do céu, nesse bosque onde
nenhum ser, por mais ínfimo, se esconde
a seu olhar de águia, abrasador,

por que, então, a ambição se insinuou,
sem ser vista, entre os sonhos, a crescer,
até lançar-se, a rir, ousadamente,
nas madeixas do Amor, do próprio Amor?